

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Zena Horo Class.: 249
 Data: 15/12/91 Pg.: _____

Genocídio de índio é tese em Nova Iorque

Trabalho da antropóloga Ligia Simoniani mostra os problemas enfrentados pelos indígenas gaúchos e de Rondônia em contato com a civilização branca

CLARINHA GLOCK -
 Editora Local/ZH

A invasão das terras dos índios pelos brancos em busca de ouro, pedras preciosas e madeira acelerou o genocídio dos caingangues e guaranis na Reserva da Guarita, em Tenente Portela, no Rio Grande do Sul, e dos urueu-wau-wau, de Rondônia. A denúncia da antropóloga Ligia Simoniani é a base de sua tese de Doutorado em Antropologia pela Universidade de Nova Iorque. Os estudos comparativos feitos nas duas áreas indígenas, durante seis meses, entre 1989 e 1990, são um alerta do quadro grave que os ambientalistas de todo o mundo irão encontrar no Brasil, durante a Conferência Mundial de Desenvolvimento e Meio Ambiente (Rio-92), em junho.

A tese, que será apresentada no início do próximo ano, constata que o genocídio deve continuar, mesmo que sejam demarcadas as terras indígenas até outubro de 1993, como prevê a Constituição Brasileira, e que o governador Alceu Collares consiga reter os colonos assentados nos ter-

ritórios dos índios pelo então governador Leonel Brizola, em 1952. Os argumentos de Simoniani remetem às políticas agrárias desde o início do século passado. "Elas são sempre anti-índigenas", constata.

Em Guarita, as terras foram demarcadas em 1851, em 1870 e em 1912. Esta última demarcação foi concluída em 1917. A cada uma delas o território diminuía mais. Hoje a reserva, juntamente com a área vizinha de São João do Irapuá, em Miraguaí, se restringe a 23.187 hectares para cerca de 1.600 índios.

Em Rondônia, a pressão do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e do Banco Mundial obrigou a demarcação de uma área de 2 milhões de hectares para os urueu-wau-wau, no centro-oeste do Estado. No fim do Governo José Sarney, um decreto tentou diminuir a área para 200 mil hectares. O decreto ainda está na Procuradoria da República, em Brasília. Mas dos 1.200 índios que viviam ali, e que entraram em contato com os brancos, atualmente restam apenas 106.

Nos dois casos, diz Simoniani, o poder regional — que inclui, entre outros, os deputados que possuem seringais e madeiras no local — está articulado para reduzir a área, aliado a grupos econômicos. São estes grupos, amparados pela tese capitalista de que lucrar é preciso, os responsáveis por outras causas do genocídio.

A expansão indiscriminada do capital ajuda a difundir a visão preconceituosa de que o índio é selvagem,



Guarita: reserva foi demarcada três vezes e hoje tem 1.600 índios

vagabundo e não trabalha. Em 1990, lembra a antropóloga, ainda era possível identificar entre as populações circunvizinhas a mentalidade de que os índios deviam ir para a Amazônia, porque as terras são para quem trabalha.

DESMATAMENTO — Em Nova Iorque, Simoniani vai explicar ainda aos estudiosos que em Guarita há áreas praticamente destruídas, devido ao uso excessivo de solo por parte dos arrendatários e posseiros. A des-

truição está associada também à questão do desmatamento, que atende aos interesses das madeiras e de agricultores interessados em novas áreas para plantar. Nos últimos anos, os próprios índios incorporaram a "ideologia da granja", assumindo os arrendamentos como solução para a crise de identidade e de fome por que passam, observou.

Como resultado, surgiram os sem-terra entre os índios. A população enfrenta a desnutrição e a pobreza,

porque a maioria já não planta mais. Sem falar que a agricultura capitalista levou o veneno e a poluição para os rios próximos, afetando a saúde de todos — multiplicam-se os abortos naturais a cada dia, e o índice de mortalidade infantil é grande. O quadro de genocídio denunciado pela antropóloga termina de ser traçado com a miscigenação, com a perda do idioma, e com a invasão dos missionários e dos pentecostais — em Guarita existem 13 igrejas.